

Exposição da coordenadora do Comitê Executivo do Complexo de Formação de Professores da UFRJ, Carmen Gabriel, na inauguração da Cátedra Anísio Teixeira, em 27/07/2022.

Bom dia a todos aqui presentes e aos que nos assistem por internet. Obrigado por estarem aqui conosco compartilhando esse momento tão importante de inauguração de uma cátedra de formação de professores no Colégio Brasileiro de Alto Estudos da UFRJ.

Importante sublinhar que essa Cátedra apresenta uma singularidade que não posso deixar passar em branco. Ela carrega apostas e demandas de um coletivo engajado na operacionalização e consolidação de uma política institucional de formação docente que vem sendo gestada na UFRJ, desde 2016 – o Complexo de Formação de Professores. Nesse sentido, embora sintam-me profundamente honrada em dividir a responsabilidade de coordenar a Cátedra Anísio Teixeira com o professor Antônio Nóvoa, represento, nesse lugar de fala que me foi atribuído, muitos colegas professores e pesquisadores que têm dedicado sua vida profissional à investigação sobre a formação docente, em particular, aqui em nossa instituição. Não é por acaso que o projeto (a sua concepção e elaboração) foi submetido e assinado por 15 programas de pós-graduação em Educação e Ensino da UFRJ

Essa singularidade está em sintonia com a própria dinâmica privilegiada no CFP e que pode ser sintetizada pela busca incessante de estratégias que possam contribuir na construção de um comum que se define por um registro político, e não apenas jurídico. Um comum que se traduza menos como 'apropriação-pertença' (bens e direitos) do que como “apropriação-destinação” (relação de finalidade dessa apropriação), tal como proposto por Dardot e Laval. Um comum como espaço de decisão em meio à indecibilidade.

Atualmente, o Complexo se inscreve no organograma da UFRJ como estrutura média, o que permite assegurar a sua natureza transdisciplinar. Seu comitê permanente é composto por representantes de todas as instâncias que se relacionam diretamente

com as nossas 32 licenciaturas. Refiro-me às pro-reitorias acadêmicas, aos centros que possuem licenciaturas, à Faculdade de Educação, ao CAP, aos programas institucionais voltados para a formação, aos estudantes de licenciatura.

Essa preocupação em envolver todos os sujeitos/unidades/instâncias que se relacionam com a formação dos professores no âmbito da UFRJ marca a aposta político-epistemológica sustentada pelo CFP

Essa aposta por sua vez, se traduz pelo reconhecimento da potência em armar outras perspectivas de olhar para as políticas de formação docente em nosso presente que implicam em outros arranjos institucionais.

Afirmar, pois, a potência do CFP, NÃO é argumentar sobre:

- a melhor modalidade de formação.

Argumentar na defesa do CFP, é afirmar

- a importância do papel da universidade pública na formação docente
- o lugar da escola pública como espaço de formação para os futuros professores
- a docência como profissão com saberes específicos
- as licenciaturas como um curso de identidade própria
- a horizontalidade, pluralidade e integração de saberes, sujeitos e territórios

Significa afirmar também:

- a qualidade da educação laica e democrática
- a escola e a universidade públicas como **como lugares onde o mundo é tornado público** para as novas gerações. Um mundo público que abarca heranças recebidas, conflitos, contradições, utopias. Essas instituições não são uma mesa de negociação, é uma mesa que torna possível o estudo, o exercício, uma mesa na qual o professor oferece algo e fazendo isso permite e encoraja a jovem geração a experimentar a si mesma como uma nova geração, o que é o

contrário de inserir os jovens imediatamente no velho mundo. Por isso tantas tentativas de domá-las.

- o/a professor/a como sujeitos do conhecimento, do desejo e de demandas.
- e também como herdeiros fiéis e infiéis, que recebem a herança e a relançam em cada presente .
- a formação docente se faz por dentro da profissão

Isso permite pensar o CFP da UFRJ como uma forma de integrar um movimento político e epistemológico bem mais amplo, que busca pensar a formação de professores a partir da ideia de uma casa comum ou um entrelugar que se situa a meio caminho da cultura universitária e da cultura escolar, que aponta para uma nova institucionalidade.

Um movimento que:

- tira todos nós envolvidos/as com a formação docente da zona de conforto
- exige vontade política das instituições envolvidas, que se traduz em um processo permanente que em cada presente mobiliza horizontes de expectativas e espaços de experiência. Presente prenhe de demandas, afetos e utopias. O presente se apresenta como prenhe de demandas, desafios e disputas. Afinal, participar dessas disputas é a forma de traduzir nossos encontros, receios, preocupações e apostas.
- não faz tábua rasa do passado, e sim convoca a pensarmos juntos não um futuro pré-determinado, mas futuros possíveis, a partir dos rastros deixados por tantas experiências formativas.
- que nos coloca face a uma verdadeira aporia, que é a da necessidade e impossibilidade de projetarmos futuros. Necessidade, pois o exercício da utopia nos institui como sujeitos pensantes desse nosso presente. **Afinal, é em cada presente que se produzem as articulações entre passado e futuro, entre memória e projeto.** Impossível pela imprevisibilidade do futuro, do devir. Aliás, se há algo que essa pandemia nos ensinou é a nossa incapacidade de controle do devir. Vivemos e nos movemos definitivamente em um campo de incertezas, tentando, citando Krenak, evitar o fim do mundo, ou se

preferirmos, para adiar o fim de um mundo, ou para investir em alguns mundos outros.

- pressupõe, como tem nos provocado Nóvoa, largarmos as margens seguras do rio e nos deixarmos levar pelo balanço imprevisível das suas águas, como uma terceira margem.

A Cátedra que hoje inauguramos tem, pois, como objetivo fortalecer esse movimento por meio da dimensão da pesquisa, da produção de conhecimento que faz parte das ações acadêmicas que incidem diretamente no processo de formação inicial e continuada de professores. Para tal, pensamos em um conjunto de ações – seminários, rodas de conversas, diálogos com pesquisadores – que serão realizadas junto com os programas de pós-graduação e professores da rede ao longo desse segundo semestre de 2022

Por fim, e não menos importante, gostaria de agradecer publicamente a importância da contribuição do professor Antônio Nóvoa, que dispensa apresentação, ao longo de todo esse processo. Sua inteligência, competência, ‘agucidade’ têm nos ajudado a ousar, a acreditar no Complexo como um espaço onde é possível experimentar a radical oportunidade de renovar o mundo. Sua participação como titular da Cátedra é um alento, um sopro de coisas boas em meio às águas turbulentas e turvas nas quais estamos imersos. Já aprendemos que, nessas horas, não adianta nos agarrarmos a uma das margens como solução. Para avançarmos, nos resta a luta pela sobrevivência, o que pode significar em certas situações, não abandonar a aposta de que é sempre possível pensar outros futuros.